



ARTIGOS COMPLETOS	2395
RELATOS DE EXPERIÊNCIA	2409

19 a 23 de outubro de 2020
Anais do ENEPE
ISSN 1677-6321

Unoeste

ARTIGOS COMPLETOS

O DESIGN GRÁFICO NA PERCEPÇÃO RÍTMICA EM MÉTODO PARA VIOLONISTA2396

O DESIGN GRÁFICO NA PERCEPÇÃO RÍTMICA EM MÉTODO PARA VIOLONISTA

Bruno Monteiro Amado, Luli Hata

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: brunopfsl@outlook.com.

RESUMO

O ensino e a a

prendizagem de violão têm sido descritos por muitos como um processo difícil e o diagrama rítmico usado para o violão pode representar uma dificuldade a mais. O objetivo desta pesquisa foi trazer uma solução para o problema dos sinais gráficos a serem traduzidos para o ritmo e para a intensidade na execução do instrumento. A partir da análise do diagrama mais comum e de outros disponíveis, concluiu-se que as setas, ao indicarem direções, favorecem o direcionamento dos movimentos corporais de maneira quase intuitiva. Assim, o estudo enfocou a adaptação do desenho de setas com o propósito de facilitar a interpretação pelo estudante do instrumento. Para isso, os conceitos da Gestalt e da percepção visual (ARNHEIM, 2004), bem como do ensino musical, foram aplicados à nova formatação. Levou-se em consideração o uso dos diagramas tanto em sua forma impressa quanto na transcrição manual pelo professor no contexto da sala de aula. Inclusive, pensou-se na visão daltônica e na possibilidade de transcrição para o braille.

Palavras Chave: Violão; Diagrama; Música; Experiência do usuário; Ensino.

GRAPHIC DESIGN APPLIED IN A METHOD FOR GUITARIST TO RHYTHMIC PERCEPTION COMPREHENSION

Abstract: Guitar teaching and learning has been described by many as a difficult process and the rhythmic diagram used for the guitar can make it more difficult. The objective of this research was to bring a solution to the problem of graphic signals to be performed into the rhythm and intensity of the instrument's execution. From the analysis of the most common diagram and others available, it was concluded that the arrows, while indicating directions, favor the direction of body movements in an almost intuitive way. Thus, the study focused on the adaptation of the arrow design in order to facilitate the student's interpretation of the instrument. For this, the concepts of Gestalt and visual perception (ARNHEIM, 2004), as well as musical education, were applied to the new format. The use of diagrams in both printed form and manual transcription by the teacher in the context of the classroom was taken into account. Also, it was included transcribing it to Braille and color blindness.

Keywords: Guitar; Diagram; Music; UX; Teaching.

DISEÑO GRÁFICO EN PERCEPCIÓN RÍTMICA EN MÉTODO PARA GUITARRISTA

Resumen

La enseñanza y el aprendizaje de la guitarra han sido descritos por muchos como un proceso difícil y el diagrama rítmico utilizado para la guitarra puede representar un aún más difícil. El objetivo de esta investigación fue aportar una solución al problema de las señales gráficas que se traducirán al ritmo y la intensidad en la ejecución del instrumento. A partir del análisis del diagrama más común y otros disponibles, se llegó a la conclusión de que las flechas, al indicar direcciones, favorecen la dirección de los

movimientos del cuerpo de una manera casi intuitiva. Así, el estudio se centró en la adaptación del dibujo de flechas con el propósito de facilitar la interpretación por parte del alumno del instrumento.

Para ello, los conceptos de Gestalt y percepción visual (ARNHEIM, 2004), así como la enseñanza musical, se aplicaron al nuevo formato. El uso de diagramas se tuvo en cuenta tanto en su forma impresa como en la transcripción manual por parte del profesor en el contexto del aula. Incluso, pensamos en la visión daltónica y la posibilidad de transcripción para braille.

Palabras clave: Guitarra; Diagrama; Música; Experiencia de usuario; Enseñanza.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo primordial ajudar no ensino e na aprendizagem de violão, de modo a atender alunos iniciantes na interpretação do diagrama utilizado. Ao mesmo tempo, não negligencia e nem impede o uso por parte dos alunos de nível intermediário e/ou avançado. Estes podem possuir maior grau de conhecimento do instrumento e podem ter uma percepção musical melhor. A nova diagramação abrange também alunos daltônicos e alunos com deficiência visual, numa ação de integração social.

No começo do estudo, em qualquer área, a dificuldade do desconhecido pode desencadear situações indesejadas que podem desestimular a aprendizagem e reforçar a crença no dom e no talento: algumas pessoas acreditam que o dom é algo que está além da técnica e, se não há dom, é impossível a aprendizagem. Esse tipo de pensamento desestimula e até ridiculariza os iniciantes. Essa proposta vem ao encontro de mostrar que é possível aprender o que é desejado. Aprender algo novo é possível.

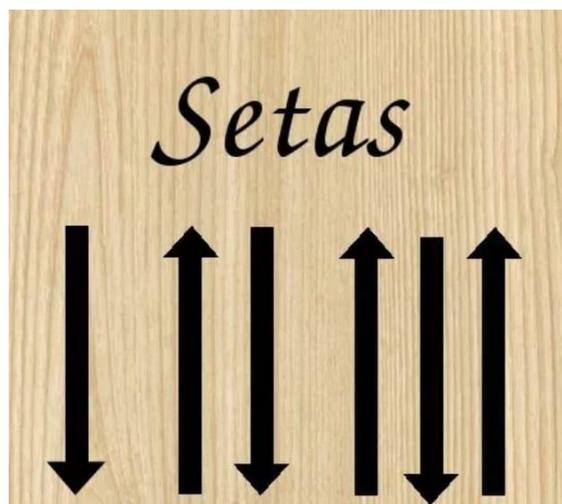
No prefácio do livro *Música na Educação Infantil*, de Teca Alencar de Brito (2003), a educadora musical Judith Akoschky faz referência à educação de música do final do século XIX, período em que alguns educadores musicais “são unânimes em destacar a importância da experiência musical como passo anterior à utilização do código convencional da música, a notação tradicional” (AKOSCHKY in: BRITO, 2003 p. 9). E, mais à frente, amplia essa visão, referindo-se à autora do livro:

Teca Alencar de Brito inscreve sua larga experiência nessa linha e descreve como “um trabalho pedagógico-musical que se pode realizar em contextos educativos nos quais a música é entendida como um processo contínuo de construção que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir” (AKOSCHKY in: BRITO, 2003 p. 9).

Antes de qualquer aprendizado musical em instrumento ou vocal, ou em ambos, o ideal seria passar por um processo de musicalização, o que facilitaria a absorção do conteúdo musical apresentando em seus termos musicais e, nos símbolos gráficos posteriormente. A musicalização apesar de ser muito voltada para a infância ela pode ser aplicada para qualquer idade. Consiste em um processo lúdico de conscientização sonora do ambiente e do corpo no espaço (BIAGONI; VISCONTI, 1998).

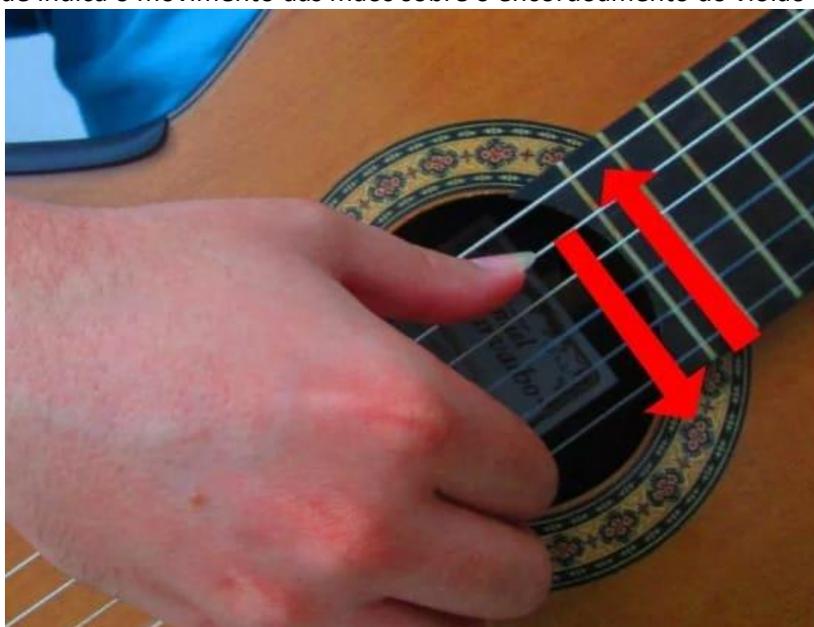
No blog *Violão Aprendiz*, o autor corrobora esse entendimento para o ensino de violão. Ele faz apontamentos sobre o método de setas (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) para o ensino e a aprendizagem rítmicos desse instrumento (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Também descreve um pouco do processo de suas aulas antes e depois de aplicar essa didática com setas e mostra com termos musicais o que acontece quando aplicadas.

Figura 1. Diagrama do método avaliado



Fonte: <https://violaoaprendiz.com.br/batidas-por-setas-jeito-certo-aprender/>.

Figura 2. Imagem que indica o movimento das mãos sobre o encordoamento do violão



Fonte: <https://violaoaprendiz.com.br/batidas-por-setas-jeito-certo-aprender/>.

O método apontado não é eficaz no aprendizado do ritmo e da intensidade, o que acaba por desestimular o estudo de violão. Quanto ao ensino de violão, o método de representação rítmica adotada ainda hoje em escolas de música pode representar dificuldades e/ou apresentar lacunas que se apresentam ao estudo do instrumento, tanto na parte prática como no entendimento da teoria musical para o uso do violão.

Muitas pessoas afirmam possuir dificuldade quanto ao aprendizado de música por acreditar que não possuem talento seja como dom natural ou no domínio da técnica. Verifica-se que, naturalmente, o corpo humano manifesta-se ritmicamente em tarefas cotidianas, como ao andar ou ao martelar, por exemplo. Nesse sentido, acredita-se que seja possível aprender a tocar instrumentos musicais ou cantar. Se há uma dificuldade de aprendizado em violão, conforme o *blog* Violão Aprendiz (2016), essa dificuldade reside na falta de qualidade do esquema gráfico do método.

Os diagramas usados atualmente se concentram em trazer setas (ou flechas) para indicar os movimentos a serem usados pela mão onde se produz o ritmo. Três tipos de setas são utilizados normalmente, a saber: uma seta para baixo no sentido vertical, outra no mesmo sentido vertical, porém,

apontado para cima, e a terceira é uma seta indicando para a lateral. A seta apontando para a lateral remete à utilizada em sinalização de trânsito que indica “virar à direita” (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), porém, espelhada para baixo (figura 4):

Figura 3. placa de trânsito.



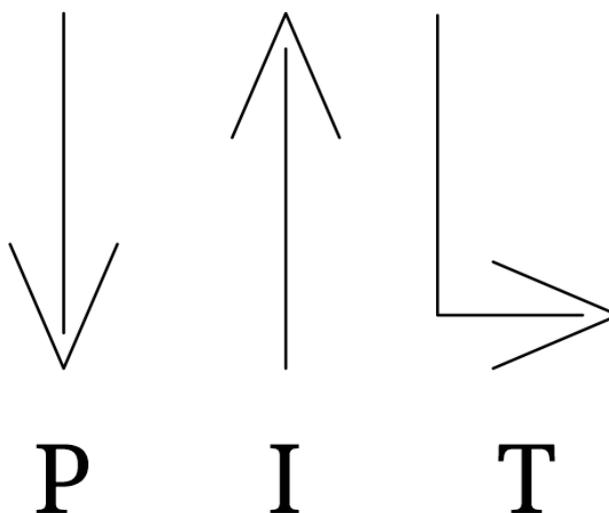
Figura 4. espelhada para baixo.



Esse diagrama (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) é mais utilizado para iniciantes, quando ainda não é usada a palheta, e possui a seguinte convenção: seta para baixo indica o uso do polegar nesse sentido, isto é, no movimento de cima para baixo, e recebe o nome de “Polegar”; seta para cima, uso do indicador no sentido oposto do polegar, chamado esse movimento de “Indicador” (I); seta para a lateral é a junção dos dedos indicador, médio, anelar e mínimo e, essa junção é nomeada de “Todos” (T).

Figura 5. diagrama comumente utilizado. Imagem do autor

Tradicional

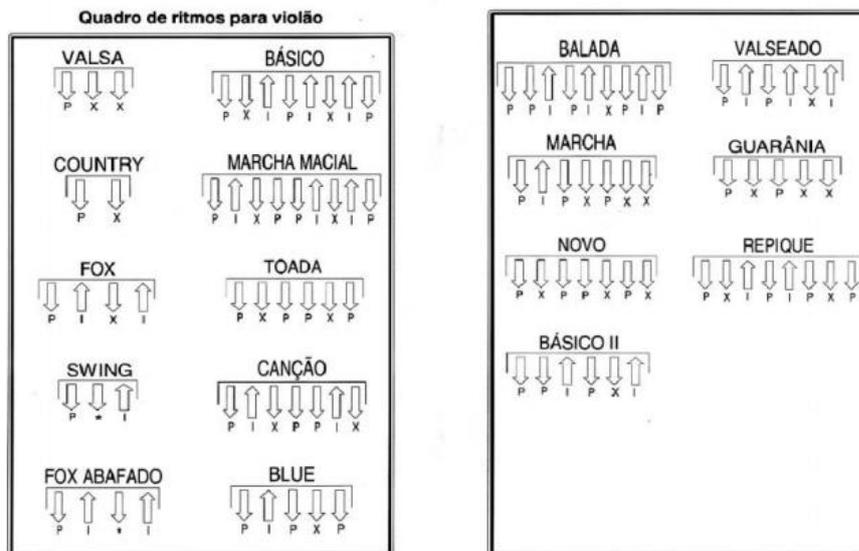


Essas setas pretendem representar a forma de se executar o ritmo. Elas são escritas em um conjunto e percebe-se o que quer dizer parcialmente (mais à frente será discutida essa parcialidade). Rudolf Arnheim (2004) descreve o processo de interpretação visual da seguinte forma:

Não se percebe nenhum objeto como único ou isolado. Ver algo implica em determinar-lhe um lugar no todo: uma localização no espaço, uma posição na escala de tamanho, claridade ou distância. [...] Não estabelecemos simplesmente tamanhos, distâncias, direções para em seguida compará-los parte por parte. Especificamente, vemos estas características como propriedades no campo visual total. Há, contudo uma outra diferença importante. As várias qualidades das imagens produzidas pelo sentido da visão não são estáticas (ARNHEIM, 2004, p.4).

Isso explica por que, nessa diagramação, fica embaraçosa a visualização de tempo musical de cada seta, sua duração e também a intensidade a ser aplicada. O diagrama torna-se um agrupamento de setas colocadas sem que seja possível a distinção apontada. Essa aglomeração diante dos olhos não traz nenhuma informação além de como usar a mão no movimento apresentado e, ainda, confronta um aspecto visual que Arnheim (2004, p. 12) explica: “fatores como tamanho, cor ou direção contribuem para o equilíbrio visual de maneiras não necessariamente paralelas”. O diagrama é um aglomerado de figuras em tamanhos iguais, sem distanciamento e sem uma clara indicação de quando se tem maior peso sonoro, o que pode prejudicar a performance do aluno, conforme se nota na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**

Figura 6. Quadro com o diagrama e a indicação dos diferentes ritmos e tempos. Diagramas existentes disponíveis no site: http://www.clva.com.br/pa/apostila_violao.pdf



No quadro, verifica-se que entre a valsa e a toada a diferença está no número de setas. Não é possível, visualmente, compreender a relação de tempo e de intensidade, ou seja, o ritmo efetivo.

A pesquisa, portanto, teve como objetivo rever o método e os diagramas utilizados com uma proposta de projeto gráfico estruturado a partir da aplicação dos fundamentos da linguagem e da percepção visual, de modo a provocar um efeito sinestésico: uma imagem que desencadeia uma percepção rítmica e de intensidade. Com isso, buscou-se sanar o problema da dificuldade de adesão ao aprendizado do violão.

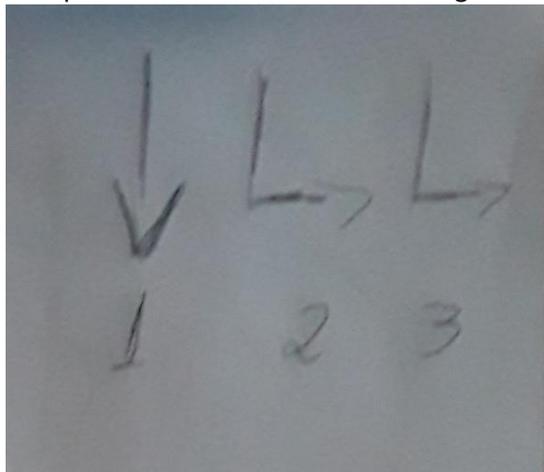
DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Com base em Arnheim (2004), foram aplicados os conceitos de percepção visual, considerando-se a tendência à busca pela simplicidade, pela mente humana, que é o princípio da pregnância. A partir dos fundamentos da sintaxe e da semântica visual, os termos e aplicações musicais, a saber, contraste de intensidade sonoros, métricas musicais, cifras de acordes, estilos musicais e características rítmicas no violão, foram confrontados para verificação da qualidade e da validade de equivalências e possibilidades sinestésicas. Esses conceitos coadunam-se aos preceitos de usabilidade e de projeto centrado no usuário, premissas fundamentais do Design que ganharam visibilidade nos últimos tempos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao escutar uma música, é possível perceber quando começam e quando terminam os compassos musicais. Segundo a definição de Almir Chediak (1986, p. 50, 52), o compasso musical “é a divisão de um trecho musical em pequenas partes de duração com séries regulares de tempos. [...] É através das pulsações dos tempos fortes e fracos que se sabe o compasso de uma determinada música”. O tempo mais forte é nomeado “acento métrico”. Esse acento é sempre o primeiro tempo do compasso, por exemplo, um compasso em que há três tempos (normalmente muito usado em valsa), divide-se a intensidade, forte e fraco, da seguinte forma: o primeiro tempo é forte, que é o acento métrico, e o segundo e o terceiro tempos são mais fracos que o primeiro. Logo, é possível perceber em que momento cada um deles se manifesta e, ao transpor para o código visual, localizá-los espacialmente. No diagrama (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), temos a sequência: “Polegar”, “Todos”, “Todos”. O movimento com o polegar naturalmente exerce maior “peso sonoro”, ou seja, onde está localizado o primeiro tempo.

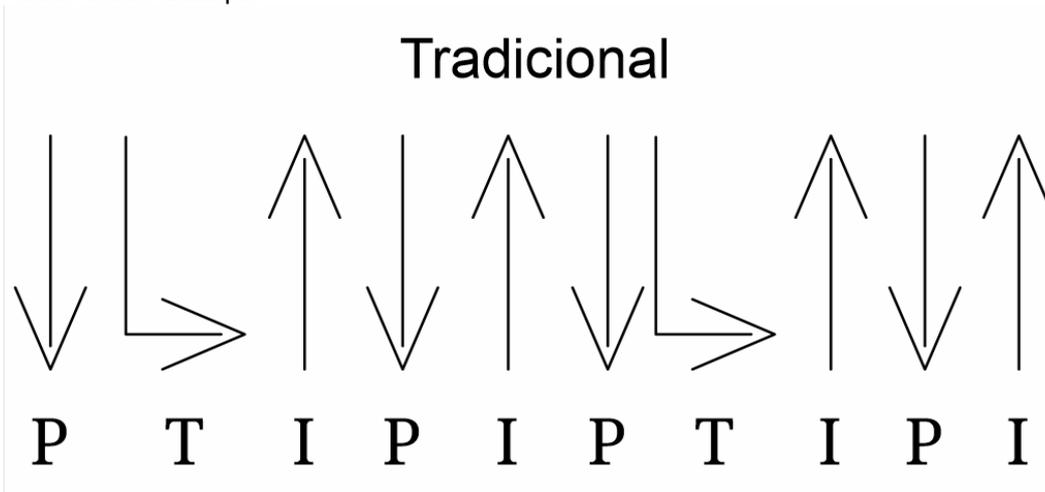
Figura 7. compasso ternário – exemplo de valsa de acordo com o diagrama existente.



Fonte: Desenho do autor.

Em outros tipos de compassos (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), como o de quatro tempos (métrica quaternária) existe mais de um P na formação do ritmo. No entanto, o primeiro polegar que é o início desse ciclo chamado de “batida” exerce maior intensidade e precisa ser identificado.

Figura 8. Ritmo dado como exemplo



Fonte: Imagem do autor.

Novamente segundo Arnheim (2004, p. 12): “fatores como tamanho, cor ou direção contribuem para o equilíbrio visual de maneiras não necessariamente paralelas”. Assim, são oferecidas algumas formas de aplicação do peso: cor, tamanho, direção, densidade ou intensidade. Ao se tocar o violão, percebe-se que para tocar suas cordas é possível apenas ter duas direções no instrumento, a saber, direção com a mão para baixo e com a mão para cima. Nessa limitação de direções das mãos, a diagramação supre a necessidade de orientação espacial a se executar, e as setas do movimento “Polegar” e “Indicador” são capazes de transmitir essa informação. Porém, como já dito, nega-se a necessidade de intensidade e duração do som obtido no movimento ao encostar nas cordas.

Em alguns diagramas em que se mantém o conceito de setas, é possível encontrar algum distanciamento entre as setas, de forma a provocar um agrupamento, ou tamanhos diferentes, o que pode indicar intensidade. No entanto, estão postas parte dos conceitos de percepção visual, talvez de forma intuitiva, ou numa tentativa de nova diagramação, como se nota nas figuras a seguir:

Figura 9. Diagrama existente disponível no site: <https://musica.culturamix.com/cifras/violao/ritmos-para-violao-com-setas>

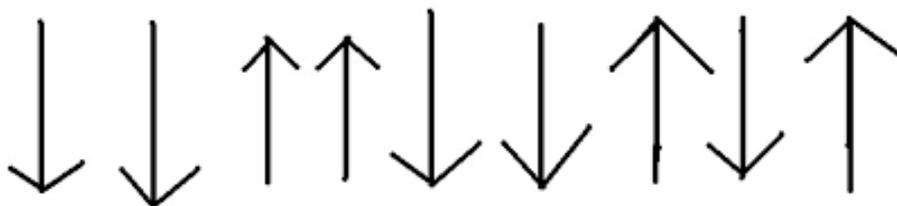


Figura 10. Diagramas existentes disponíveis no site: <https://br.pinterest.com/pin/598908450418815818/>

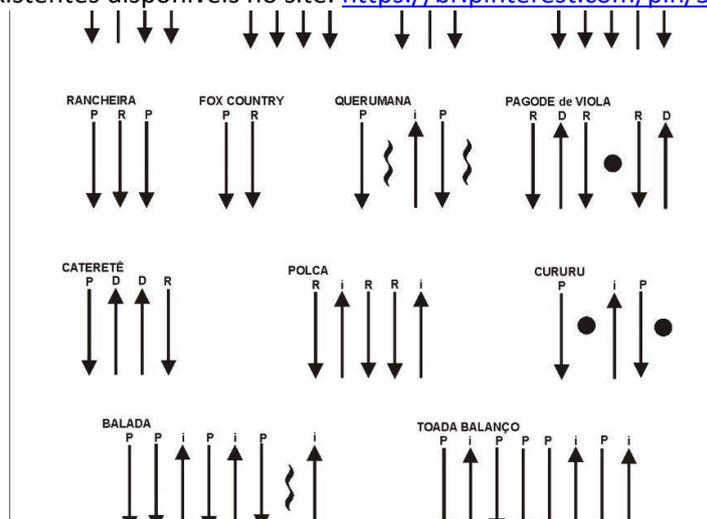
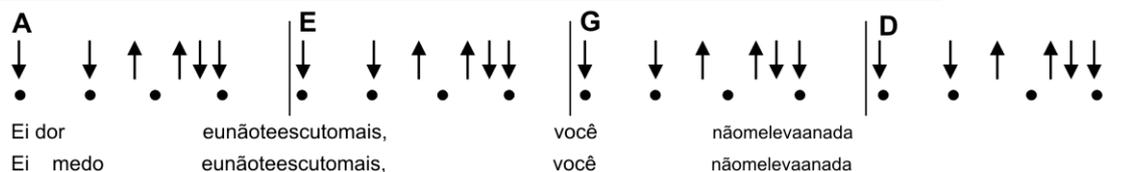
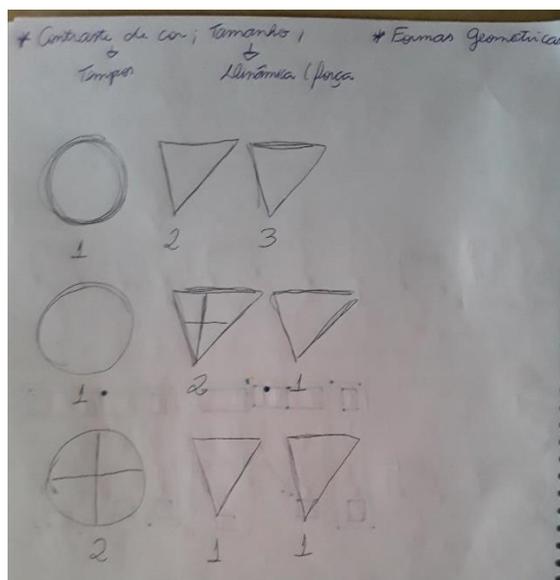


Figura 11. Diagrama existente disponível no site: <https://www.aulaviolaodeboa.com/single-post/2016/02/18/Ritmo-Compasso-e-Mem%C3%B3ria-muscular-no-Viol%C3%A3o>



Nessa busca por demonstrar intensidade, duração e pausa, a pesquisa propôs um *redesign* (redesenho), com aplicações de conceitos da Gestalt trazidos por Arnheim (2004). Em primeiro momento, o objetivo era encontrar outro elemento visual em substituição às setas, e a tentativa foi feita a partir de figuras geométricas (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

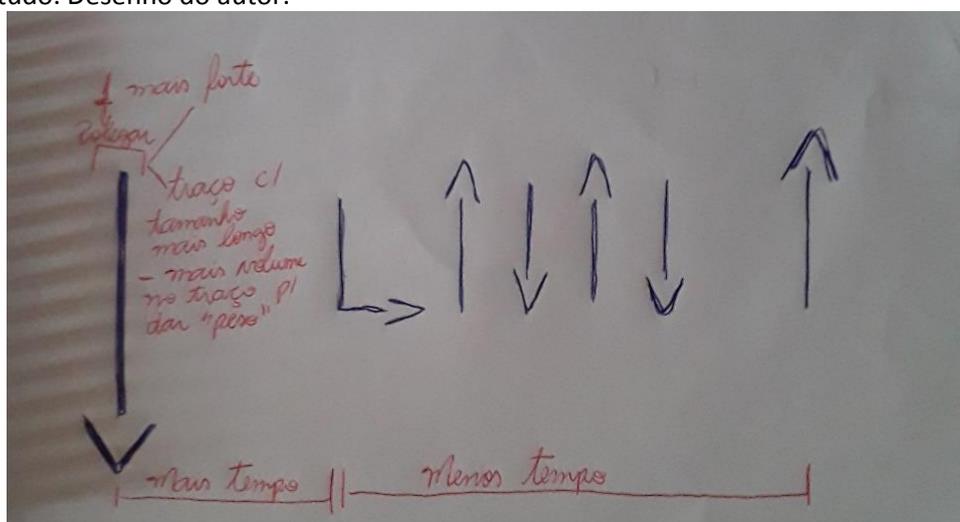
Figura 12. Estudos. Desenho do autor.



O círculo representa P (Polegar) e triângulo o movimento I (Indicador) e T (Todos). Para agregar a noção de duração (tempo) foram inseridas repartições que seriam preenchidas conforme a duração correspondente. Porém, a pregnância seria prejudicada: o esquema mostrou-se complexo e exigiria uma assimilação prévia para a compreensão do aluno. A eficiência das setas era indiscutível, na medida em que indicam as direções ao se tocar violão: essa relação é, por assim dizer, intuitiva.

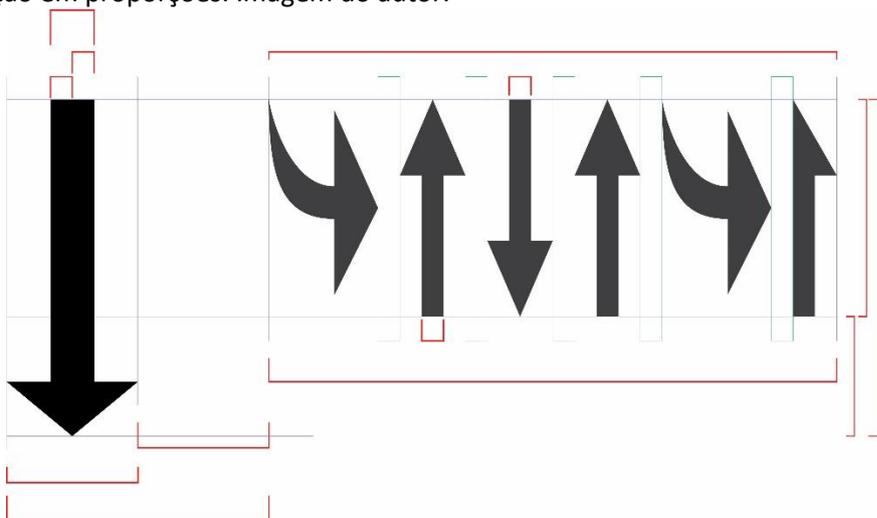
Visto que deveriam ser as setas retomadas, buscou-se uma configuração diferente e os conceitos da Gestalt de proximidade e de diferenciação foram aplicados.

Figura 13. Estudo. Desenho do autor.



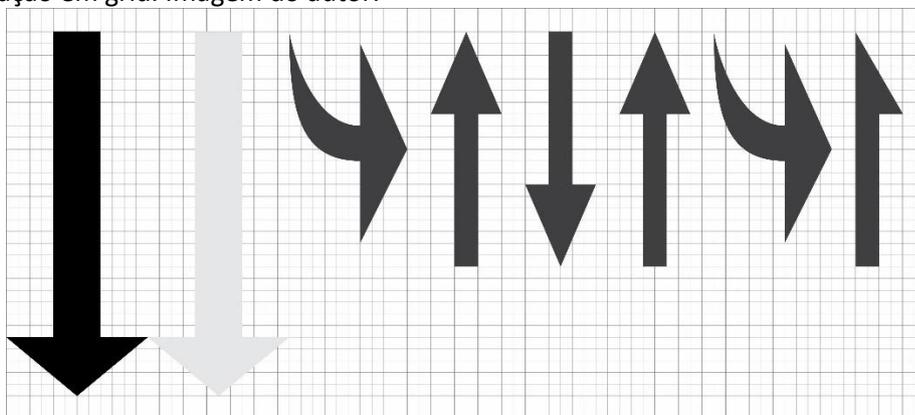
Nesse ritmo usado como exemplo (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), a primeira seta para baixo é o movimento do polegar. O contorno dela é mais grosso se comparado com os outros movimentos, podendo esse traço mais espesso ser assemelhado com o negrito (*bold*) usado na Tipografia. Percebe-se um distanciamento entre as setas primeira e segunda demonstrando um tempo maior de duração nesse momento do ritmo e, na penúltima para a última há uma distância novamente, mostrando que possui certa duração também, mas, não como a do primeiro momento. As setas 2,3,4,5,6 estão agrupadas, para interpretação que possuem mesma quantidade de duração. É perceptível ver que em tamanho a primeira é a maior, ou seja, o acento métrico está ali.

Figura 14. Estruturação em proporções. Imagem do autor.



Posteriormente, mais duas modificações são feitas (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). A seta T (Todos) – segunda e sexta – ganham uma leve curva, agregando o aspecto visual de fluidez. E a última seta é recortada na lateral esquerda de quem olha a imagem, ela representa que o ciclo vai começar novamente retornando para o início. A função cortada da última seta é somente indicação de fim para retorno e assim manter o *loop* do ritmo na música. A distância aqui dos dois primeiros elementos desenhados é o tamanho equivalente ao do primeiro como mostrado na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, em que se indica o elemento oculto no desenho. O espaço maior, portanto, indica que a retomada para o próximo movimento será mais demorado.

Figura 15. Estruturação em grid. Imagem do autor.

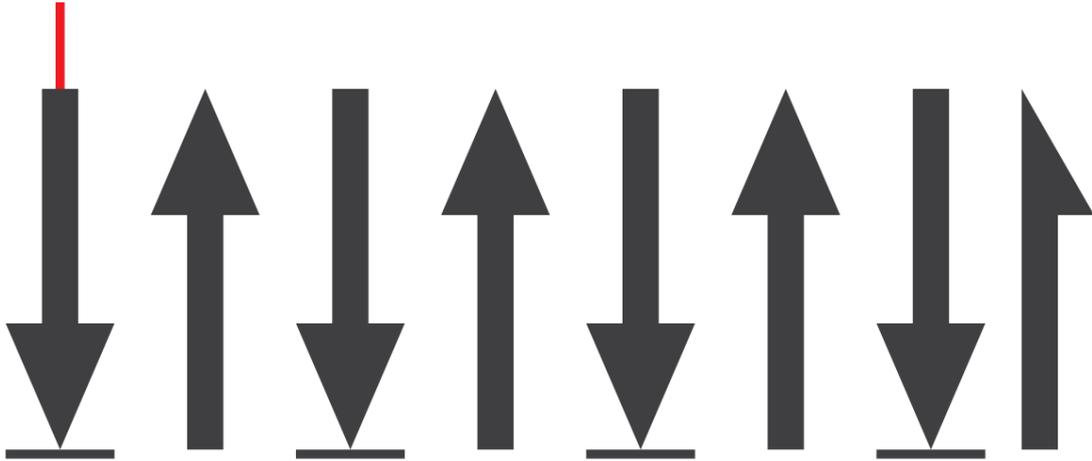


Há ritmos que possuem uma execução diferente, em que ocorre o “abafamento de cordas”, isso muito comum no *reggae*. Para esse estilo de música ou onde se precisa ter esse efeito em algum outro estilo, aplicou-se um segmento de reta na ponta da seta, o que dá a impressão de que a seta encontrou um obstáculo (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Figura 16. diagrama com indicação do “abafamento de cordas”. Imagem do autor.

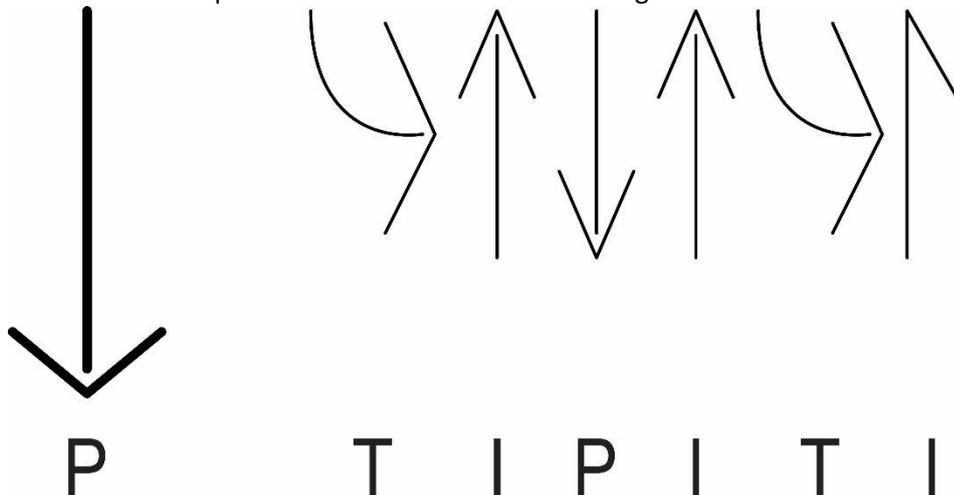
Ritmo simples constante com abafamento de corda

Indicação para o abafamento:



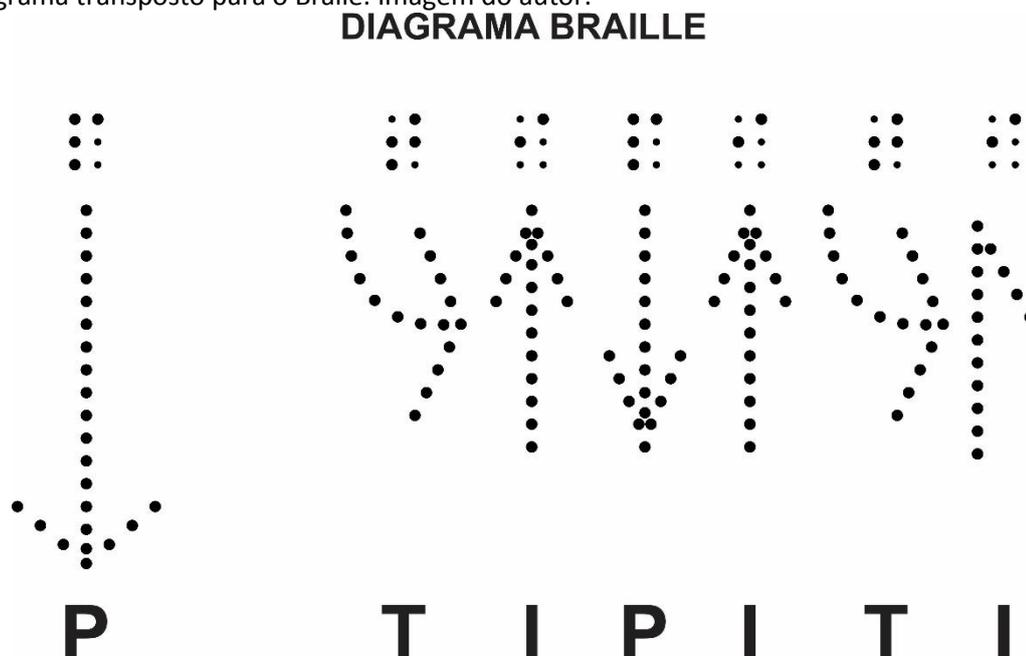
No momento da aula de violão, o ritmo pode estar impresso ou poderá ser desenhado naquele momento pelo professor. Há situações em que é preciso fazer uma alteração inesperada, portanto, o diagrama desenhado no papel não será feito como está na imagem vetorial, será de uma forma mais simplificada (fig. 17). Seja como for, simples ou com as setas mais parecidas com as da imagem vetorial, o padrão é aplicável. O ritmo apresentado pela **Erro! Fonte de referência não encontrada.** pode ser feito com traços simples e seu padrão se mantém: distanciamento de setas, tamanhos diferentes, a primeira seta com contorno maior, e a última seta cortada indicando o término do ciclo e retorno ao início:

Figura 17. Esquema a ser utilizado quando desenhado à mão livre. Imagem do autor.



Conforme anunciado, o diagrama foi pensado para a integração social de daltônicos e deficientes visuais. O diagrama não é colorido: por possuir apenas uma cor, não prejudicaria os primeiros; e para os deficientes visuais, propõe-se o uso de Braille (fig. 18):

Figura 18. diagrama transposto para o Braille. Imagem do autor.



CONCLUSÕES

Verificou-se que a melhor forma de representação gráfica para os movimentos do violão continua sendo as setas para cima e para baixo. Mesmo que a seta possua uma lateral, entende-se que o sentido é para baixo e dobra para a lateral indica uma diferenciação. Mudando detalhes em relação ao tamanho, à largura do traço, à distância entre as setas e a criação de conjuntos, foi possível sanar as dificuldades encontradas para a representação gráfica do ritmo, da intensidade e da execução técnica pelo violonista.

A diferença entre a técnica e o dom não são suficientes para desestimular as pessoas por não possuir um talento natural para algo, como sugere Dweck (2017, p. 15):

Você sabia que Darwin e Tolstói foram considerados alunos medianos? Que Ben Hogan, um dos maiores jogadores de golfe de todos os tempos, era completamente descoordenado e desajeitado quando criança? Que a fotógrafa Cindy Sherman, que aparece praticamente em todas as listas dos artistas mais importantes do século XX, foi reprovada em seu primeiro curso de fotografia? Que Geraldine Page, uma de nossas maiores atrizes, foi aconselhada a abandonar a profissão por falta de talento?

Com o diagrama mais intuitivo proposto por esta pesquisa, pretende-se melhorar a experiência do usuário, o aprendiz de violão, de modo a propiciar maior prazer e, conseqüentemente, adesão aos estudos.

Os autores declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

REFERÊNCIAS

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BIAGONI, Maria Zei Gomes Rodrigues; VISCONTI, Márcia Neide. **A criança é a música**. São Paulo: Fermata, 1998.

MOTA, Tomaz. **Violão Aprendiz**. Blog: 2016. Disponível em: <https://violaoaprendiz.com.br/batidas-por-setas-jeito-certo-aprender/>. Acesso em: 24 mar. 2019.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

CHEDIAK, Almir. **Harmonia & Improvisação**. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1986.

DWECK, Carol S. **Mindset: a nova psicologia do sucesso**. São Paulo: Objetiva, 2017.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

DESIGN DE INTERIORES PARA BUSINESS SCHOOL DA UNOESTE	2410
DESIGN SOCIAL: TRANSFORMANDO A VIDA DA COMUNIDADE.....	2411
PRODUÇÃO DE INFOGRAFICOS COMO RECURSO NO ENSINO APRENDIZAGEM.....	2412
PRODUÇÃO DE VISEIRAS DE EPI EM IMPRESSORA 3D.....	2413

Extensão (ENAEXT)
Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Desenho Industrial

DESIGN DE INTERIORES PARA BUSINESS SCHOOL DA UNOESTE

MARIANGELA BARBOSA FAZANO AMENDOLA
MARCELO JOSÉ DA MOTA
CINTIA DA SILVA SILVESTRE
FELIPE MOREIRA BORGES DOS SANTROS
MIRÉIA BEZERRA ROCHA
BRUNA MARIA PIMENTA GARCIA
ISABELE ALBUQUERQUE SENA

A Especialização Em Arquitetura de Interiores, de forma interdisciplinar, uniu as disciplinas "Metodologia Criativa e Design" e "Semiótica do Espaço", ministradas pelos professores Marcelo José Mota e Mariangela Fazano Amendola, para executar um projeto de interiores, buscando traduzir no espaço institucional disponibilizado para sediar a Unoeste Business School, de forma adequada aos pressupostos oriundos da proposta. Análise setorial; Público alvo; Portfólio da empresa ou antecedentes; Objetivos do negócio/empreendimento e estratégia de design; Objetivo, prazo e orçamento; Informações de pesquisas; Produção dos layouts com a proposta/solução do problema e em forma de texto descritivo do problema/solução adotada. O projeto foi apresentado no mês de julho para o cliente (Reitoria, Pró-reitoria da UNOESTE e Supervisores da Business School), na ocasião foram disponibilizadas todas as propostas de plantas e desenhos técnicos produzidos no decorrer da estratégia de design de interiores. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Projeto de extensão UNOESTE - Protocolo: 15028/2020 Os estudantes primeiramente foram provocados a pensarem em soluções de arquitetura de interiores com foco no desenvolvimento educacional e na prestação de serviços em inovação, por meio de tecnologias, metodologias e espaços inovadores. A interdisciplinaridade então será a metodologia ativa adotada para impulsionar as demandas, com a seguinte diretriz: Apresentação do tema; Confeção do briefing; Fase criativa; Fase executiva; Apresentação para o cliente.

Extensão (ENAEXT)
Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Desenho Industrial

DESIGN SOCIAL: TRANSFORMANDO A VIDA DA COMUNIDADE

MARIANGELA BARBOSA FAZANO AMENDOLA
VERIDIANNA CRISTINA TEODORO FERREIRA
MARCELO JOSÉ DA MOTA
LULI HATA
GUILHERME OLIVEIRA PIRONI
ALICIA HAMADA KOBAYASHI
JULIA LEITE DO NASCIMENTO
JOÃO VITOR DA SILVA SANTOS
FERNANDA MIDORI KAWAMURA

O presente projeto de extensão implementou soluções de design para o Assentamento São Bento de Mirante do Paranapanema, ele enquadra-se na área de Design Social. O Design Social busca atuar onde os designers estão ausentes, que não há interesse da indústria em gerar soluções para melhorar a qualidade de vida, de um grupo socialmente excluído. Design social é a aplicação de metodologias de design para lidar com questões humanas complexas, colocando as questões sociais como prioridade. Historicamente, o design social tem em mente o papel e a responsabilidade do designer na sociedade, e o uso do processo de design para provocar mudanças sociais. Por meio da produção audiovisual, foi possível passar pelos objetivos descritos: - Pensar na Funcionalidade das implementações; - Promover a Ergonomia; - Tratar de aspectos Culturais; - Refletir sobre aspectos Econômicos; - Analisar os aspectos Ambientais; - Produzir soluções que atendam apelos Estéticos-culturais; - Utilizar Tecnologia; - Promover colaboratividade para a promoção Social. A proposta de produção audiovisual, proporcionou para a comunidade local, soluções simples e facilitadoras dos processos de divulgação das demandas dos assentados, transformando assim a maneira em que os mesmos se utilizam do design em seus cotidianos. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Projeto de extensão UNOESTE - Protocolo: 15376/2020 Desenvolvimento de Produção audiovisual que atendeu as demandas oriundas de imersão ocasionada no mês de julho de 2020, no Assentamento São Bento de Mirante do Paranapanema.

PRODUÇÃO DE INFOGRAFICOS COMO RECURSO NO ENSINO APRENDIZAGEM

MARCELO JOSÉ DA MOTA
MARIANGELA BARBOSA FAZANO AMENDOLA

Este relato de experiência consiste na produção de infográficos como recurso gráfico e técnico para a Educação. Foi desenvolvido um trabalho interdisciplinar no primeiro termo dos cursos de Design Bacharelado e CTS em Design Gráfico, nas disciplinas - Teoria da Cor e Estética e História do Design. O projeto seguiu uma metodologia de divisão em fases e subfases na produção de um infográfico com tema sugerido. O trabalho foi dividido em dupla de alunos para o desenvolvimento das atividades. Foram feitas explicações sobre a importância da infografia, conceito de infográfico e as características de sua produção pelo designer. O objetivo geral da proposta de trabalho do projeto interdisciplinar foi projetar de acordo com normas, padrões e implicações relacionadas à expressão gráfica da infografia, assim como identificar e projetar sistemas de infográficos na comunicação de uma ideia. Os objetivos gerais da ação são desenvolver o potencial de criatividade, análise, síntese, crítica e inovação com a infografia; propiciar através da interdisciplinaridade uma visão sistêmica; domínio sobre a elaboração de peças gráficas, com suas condicionantes como: processo criação, ergonomia cognitiva, utilização de processos criativos, conhecimento tipográfico, aplicação da cor, adequação estética e simbolização. Foram utilizados os recursos do Aprender Unoeste: orientação de trabalho e envio de arquivo. Na entrega dos projetos foi feita uma apresentação com apontamentos do processo criativo e resultados das criações. Neste momento houve a oportunidade de discussão dos resultados e alinhamento do conhecimento sobre o processo de infografia, utilização de recursos e ferramentas apresentadas para a produção. A proposta de trabalho foi dividida em dois itens: memorial descritivo das atividades e layout do infográfico. O memorial descritivo foi dividido nos seguintes itens: briefing, ficha técnica, representação gráfica/layout do trabalho e conclusão. As diretrizes de criação foram as seguintes: conceitos de infografia, harmonias cromáticas, escolha de uma escola de Design. A produção do infográfico seguiu os seguintes itens: formato A3, na horizontal com margens e colunas; aplicação de verbetes editoriais; utilização de ferramentas digitais para produção. As escolas foram escolhidas dentre as: Deutscher Werkbund, Bauhaus, Ulm, Concretismo e Concretismo.

PRODUÇÃO DE VISEIRAS DE EPI EM IMPRESSORA 3D

MARCELO JOSÉ DA MOTA

MARIANGELA BARBOSA FAZANO AMENDOLA

GABRIEL VICTOR GAZONI FERREIRA

Devido a pandemia da COVID19, a busca por EPIs (Equipamento de Proteção Individual) ficou intensa. Este fator ocasionou a falta do produto no mercado. Para tentar amenizar a situação, este projeto colaborou com o cenário atual na produção, em impressoras 3D, de viseiras de EPI. Foi escolhido um modelo simples e reconhecido pela eficiência na proteção contra fluídos de pessoas e pacientes no atendimento individual, como pelo conforto e segurança no uso e está de acordo com as Normas Regulamentadoras da Segurança do Trabalho - NR 6. A atividade foi desenvolvido por alunos, professores e colaboradores da Instituição com diferentes equipes nas fases de produção dos cursos de Design e Arquitetura. Este trabalho teve como objetivo geral a produção de viseiras (face shield) para atender a uma demanda por EPIs e proteger professores, colaboradores da Unoeste e comunidade acadêmica das cidades de Presidente Prudente, Jaú e Garujá. Foram produzidas 1.600 peças que foram distribuídas nos campi da Unoeste - Presidente Prudente, Jaú e Gaurujá pelo Departamento de Segurança da Unoeste. O objetivo específico foi colocar os envolvidos em um produção real e atendo a demandas das áreas relacionadas, Design e Arquitetura. Esta ação extensiva atendeu a demanda da pandemia COVID19 em EPIs para colaboradores, servidores e professores da Unoeste e comunidade da Saúde de Presidente Prudente, Jaú e Guarujá na disponibilização de viseira de EPI. O projeto fortaleceu a imagem da IES, garantindo seu valor social na proteção e saúde da comunidade. Este trabalho, portanto, garantiu a experiência e fomento da pesquisa, design e produção de produtos. Este projeto de extensão foi cadastrado na PROEXT no protocolo 15060/2020. O modelo escolhido para a viseira foi resultado de uma pesquisa sobre impressão de face shield 3D. A proposta do projeto foi buscar um modelo simples, eficiente e rápido para impressão, bem como um modelo que garantisse conforto e proteção do usuário. Foi feito um levantamento sobre o processo de impressão, materiais necessários e quantidade, equipe para a execução e montagem do produto. Foi definida a quantidade de 1600 viseiras e feita a necessidade de insumos: filamentos, acetato e elásticos. As equipes foram dividias para execução do projeto - impressão, acabamento e montagem dos itens. A distribuição das viseiras ficou a cargo do Setor de Segurança do Trabalho da Unoeste.